

o pastor pacificador

UM GUIA BÍBLICO
PARA A SOLUÇÃO DE
CONFLITOS NA IGREJA

ALFRED POIRIER



“Os pastores lutam nas frentes da guerra espiritual que envolve o mundo. Com bastante frequência suas maiores batalhas se dão dentro da própria igreja, onde eles se veem pegos pelo fogo cruzado dos conflitos pessoais, teológicos e congregacionais. Esses conflitos intermináveis acabam por deixar muitos pastores — e suas famílias — tão exaustos e feridos que eles perdem sua alegria pelo ministério ou chegam a deixar o pastorado. Este livro fornece uma estratégia centrada no evangelho, perfeita para preparar pastores para se tornarem pacificadores altamente eficientes e capazes de liderar seu rebanho com segurança através dos conflitos, ao mesmo tempo em que constroem na igreja uma cultura de paz.”

Ken Sande, presidente, Peacemaker Ministries

“De maneira solidamente espiritual um pastor veterano explica nesta obra como a igreja local, por meio de seus líderes, pode vir a ser a comunidade de paz e segurança que é chamada para ser, em vez do lugar de hostilidades que muitas vezes é. Este é um livro muito salutar acerca de um tema muito sensível.”

J. I. Packer, professor de teologia, Regent College

“Uma cultura de paz deve ser característica do povo da aliança de Deus. Esta obra traz uma sólida visão global da pacificação bíblica que pode ajudar pastores e suas igrejas a levarem adiante o evangelho da paz em sua vida pessoal, familiar, na igreja e na comunidade em que vivem.”

Tony Evans, pastor senior, Oak Cliff Bible Fellowship;
presidente, The Urban Alternative

“Baseada na rara combinação de pesquisa e experiência prática, esta obra de Alfred Poirier é uma leitura essencial para todos que se importam com a paz e a pureza da igreja visível de Cristo. Todo pastor e líder conhece bem o grande desafio de ‘manter a unidade do Espírito no vínculo da paz’, mas este livro oferece rica sabedoria para essa difícil tarefa. Leia-o antes da próxima tempestade e estará bem mais preparado para enfrentá-la!”

Michael Horton, professor de teologia sistemática e apoloética,
Westminster Seminary California

“O pastor Poirier chama a si mesmo de ‘projeto de pacificador’, mas faz algo nesta obra que de fato pode ajudar a igreja de hoje a lidar com os conflitos e divisões que prejudicam nossa vida em união com Cristo. Ele nos apresenta uma perspectiva inteiramente bíblica e teologicamente consistente sobre o ministério de reconciliação no contexto da igreja local. Todo pastor, líder e seminarista que esteja se preparando para o ministério deve ler este livro!”

Timothy George, deão, Beeson Divinity School, Samford University;
editor executivo, Christianity Today

“A Bíblia nos diz para viver em paz com todos, naquilo que nos compete. A esse mundo tão repleto de conflitos chega esta obra muito bem-vinda de Alfred Poirier, O pastor pacificador: um guia bíblico para a solução de conflitos na igreja. Este livro fornece boas sugestões de como pastores podem ser parte importante da solução, e não meros espectadores dos conflitos.”

D. James Kennedy, pastor senior, Coral Ridge Presbyterian Church

“O pastor pacificador é teologia pastoral em sua melhor forma. É em primeiro lugar teologia, uma profunda investigação bíblica do evangelho da graça de Deus na cruz de Cristo, e de seu poder para superar os conflitos que nos dividem e prejudicam nosso testemunho. Porém, antes de tudo gostaria de frisar que não se trata de um manual sobre técnicas de negociação ou habilidades de comunicação; antes, é uma análise do que significa para os pastores se lançar à misericórdia e ao poder transformador de Deus, e então liderar pessoas em conflito a fazerem o mesmo. E justamente por seu caráter teológico, esta obra é profundamente pastoral e prática, temperada com ilustrações extraídas da própria experiência do autor que demonstram o poder de Cristo para esmagar os ídolos do nosso coração, derrubar as barreiras da desconfiança e da autodefesa, e nos aproximar em uma

unidade surpreendente e em amor. Pastores, se vocês estão procurando ferramentas para fazer os outros se comportarem melhor e fazer os conflitos ‘simplesmente desaparecerem’, enquanto você continua o mesmo, vocês devem passar bem longe deste livro. Porém, se estiverem preparados para serem desafiados a viver pela fé em um Deus cuja graça pode restaurar relacionamentos de um modo que vai além de sua imaginação, pegue-o e leia-o — e depois, ore, pregue e aconselhe.”

Dennis E. Johnson, deão acadêmico e professor de teologia prática,
Westminster Seminary California

“Pelo mundo afora existem mais de 7.500 escolas, seminários, institutos bíblicos e outras instituições que estão treinando homens e mulheres para o ministério. Cada uma dessas instituições deveria ter uma matéria obrigatória para todos os estudantes sobre reconciliação e pacificação. Esta obra seria o livro-texto ideal para essa matéria. Ela fornece sugestões práticas em uma área que tem sido negligenciada já há muito tempo. Também seria ideal para conferências de pastores e programas de treinamento para missionários, denominações e equipe pastoral. É um livro excelente para todos os que estão de alguma forma envolvidos com o ministério.”

Manfred W. Kohl, vice-presidente,
Overseas Council for Theological Education

O conflito humano tem presença garantida em toda família, casamento, igreja, pequeno grupo, ou seja, no mundo. A pacificação está no coração do que representa ser um cristão. Portanto, o que o autor nos oferece nesta obra não é simplesmente mais uma tarefa de uma lista de deveres impossíveis. Ele fornece aos pastores as próprias ferramentas que informarão todas as demais partes de seu ministério — a pregação, o ensino, a liderança de pequenos grupos e até mesmo o orçamento da igreja — e os ajudarão a se tornar pacificadores realmente abençoados.”

David Powlison, conferencista em teologia prática, Westminster
Theological Seminary; editor, Journal of Biblical Counseling

“Combinando sua longa experiência pastoral com vulnerabilidade e estudos bíblicos, Alfred Poirier identifica os ídolos que controlam nosso coração pecador, ao mesmo tempo em que fornece ajuda e uma nova esperança. Para aqueles que amam a igreja local e querem vê-la refletir a glória do Deus da paz, façam dessa obra seu livro de cabeceira. Com certeza você também poderá usá-lo no treinamento de seus líderes.”

Donald L. Bubna, treinador, conciliador e consultor

A Ken Sande, pelo convite para que eu me juntasse a ele em uma aventura que ainda persegue, a aventura em busca da glória e do deleite de conhecer a Deus como um Deus pacificador.

A David Powlison, Paul Tripp e Ed Welch, por sua generosa sabedoria sobre como melhor aconselhar com base na Palavra de Deus.

Aos irmãos e irmãs da Rocky Mountain Community Church, que proporcionam o contexto central para a pacificação, provando que o evangelho é a sabedoria e o poder de Deus, e que têm dado testemunho ao mundo por sua fidelidade, tanto individual quanto coletiva, a esse evangelho.

Aos irmãos e presbíteros da Rocky Mountain Community Church e suas esposas, Rex e Marabee Clark, Dom e Sandy Feralio, Gary e Laurel Friesen, Gene e Donna Holden, Steve e Peggy Hubley, Jeff e Amy Laverman, Rich e Susan Mattson, David e Amy Petsch, Ken e Corlette Sande, Frank e Debbie Schaner, que junto comigo têm trabalhado com empenho e sem descanso para edificar a igreja de Cristo.

Aos irmãos e diáconos da Rocky Mountain Community Church e suas esposas, Fred e Tara Barthel, Gary e Nancy Brook, Terry e Tami Haan, Bill e Sunny Murray, Greg e Denise Oliphant, Steve e Kerry Skiles, Lewis e Karen Vowell, que, à semelhança de Cristo, têm servido com amor aos membros de nossa igreja.

À minha equipe, Rex Clark, Jason Barrie, Jeff Hamling, Jennifer Blasdel e Julie Shipp, que diariamente colocam em prática a pacificação à luz do evangelho.

À minha editora, Annmarie Hamling, que embelezou meu texto ilegível.

A Dennis Johnson, o primeiro a me dar a chance de ministrar esse material no Westminster Seminary California.

Aos meus editores na Baker Books, Chad Allen, Paul Brinkerhoff e Lois Stück.


À minha esposa, Trudy, e às minhas filhas, Sarah, Sonja e Anya, que há muito tempo têm suportado em amor este homem difícil e testemunhado a graça de Deus torná-lo cada vez mais um pacificador.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 Esperança para um herege.....	19
2 Os caminhos do conflito	31
3 O coração do conflito	49
4 A glória de Deus no conflito	73
5 A pacificação na família de Deus.....	91
6 Confessando nossos pecados uns para os outros.....	111
7 Concedendo o perdão verdadeiro	131
8 Buscando o interesse dos outros	155
9 O pastor como mediador.....	177
10 Mediação e arbitragem.....	193
11 Princípios de disciplina na igreja	213
12 Práticas de disciplina na igreja.....	235
13 Em direção a tornar-se uma igreja pacificadora.....	257

INTRODUÇÃO

Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem hipocrisia. O fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz (Tg 3.17-18).

 motivo que leva muitos a entrar no pastorado é Cristo. E o motivo que leva muitos a deixá-lo são os conflitos. A maioria dos seminaristas assume o ofício pastoral sem ter consciência e sem estar preparado para lidar com os conflitos que inevitavelmente enfrentarão em suas igrejas. Muitos jovens pastores começam sua carreira acreditando, com ingenuidade, que uma pregação ortodoxa, um culto bem organizado e um número suficiente de diferentes locais para discipulado é tudo de que precisam para fazer com que seus membros cresçam na fé e sua igreja em números. Porém, uma vez envolvidos no pastorado — uma realidade repleta de conflitos e agravada por sua própria inabilidade de lidar com eles de maneira sábia, piedosa e pautada no evangelho — percebem que tudo isso logo prejudica sua eficácia como pastor e o próprio testemunho da igreja.

Uma série de pesquisas aplicadas pela Christianity Today confirma essa evidente deficiência na área do treinamento pastoral. Os pastores mencionaram a gestão de conflitos como a área de treinamento mais necessária da qual sentiram falta durante seu período de estudos em seminários e institutos bíblicos.¹ Em outra pesquisa os pastores entrevistados confessaram que as duas coisas que mais contribuíam para o que eles chamam de pontos críticos em seu ministério foram os problemas e conflitos internos na igreja e o relacionamento ruim com os líderes do conselho.² Uma terceira pesquisa, sinistramente intitulada “saídas forçadas”, revela que os conflitos levam muitos pastores a deixarem suas igrejas (ou a serem demitidos!) e que as igrejas em geral, e seus líderes em particular,

¹John C. LARUE Jr., “Profile of Today’s Pastor: Ministry Preparation,” Your Church, março/abril de 1995. Disponível em <http://www.christianitytoday.com/cbg/features/report/5y2056.html>, acessado em 15/03/2006.

²John C. LARUE Jr., “Profile of Today’s Pastor: Ministry Ups and Downs,” Your Church, julho/agosto de 1995. Disponível em <http://www.christianitytoday.com/cbg/features/report/5y4048.html>, acessado em 15/03/2006.

não estão preparados para lidar com conflitos. John LaRue Jr resume da seguinte forma o que veio a descobrir:

Outras causas [para as saídas forçadas] incluíram conflitos de personalidade (com a congregação e/ou com o conselho da igreja) e expectativas não realistas (tanto da parte dos pastores quanto das igrejas). Nas igrejas em que os pastores foram obrigados a deixar o ministério, a ocorrência de conflito entre o conselho e o pastor era duas vezes e meia mais provável do que nas demais igrejas em geral. O conflito entre integrantes da equipe pastoral era outro fator de peso. Entre aqueles que chegaram a ser demitidos notou-se que havia nove vezes mais probabilidade de terem tido algum conflito de personalidade com o pastor sênior do que entre os que ainda trabalhavam na igreja.³

As coisas que John LaRue descobriu sobre o conflito pastoral nas igrejas não deveriam nos surpreender, como também não deveria o fato de haver conflito em excesso em nossas igrejas. O que deveria nos causar espanto é fato de que igrejas, institutos bíblicos e seminários ofereçam tão pouco ou nenhum treinamento pastoral sobre como lidar com todo esse conflito. Espero que este livro possa ter um papel importante, ainda que modesto, no sentido de suprir essa deficiência na formação de pastores. E ainda mais, espero que aqueles já envolvidos no ministério possam encontrar nestas páginas uma mensagem que renove seu amor por Cristo, por seu evangelho e pela supremacia da glória de Deus em sua igreja.

O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DESTES LIVROS

Nos últimos trinta anos temos visto um aumento dos esforços para mediar conflitos fora dos tribunais, algo também conhecido como arbitragem ou solução alternativa de conflitos. Hoje um número cada vez maior de universidades e faculdades de direito oferecem cursos em nível de graduação e pós-graduação na área de solução alternativa de conflitos. Por exemplo, há programas de negociação no curso de direito da Universidade de Harvard, no Instituto Straus na Universidade Pepperdine, no Instituto da Universidade George Mason para Análise e Solução de Conflitos e no centro de pesquisas sobre conflito na Universidade do Colorado (University of Colorado's Conflict Research Consortium).

Também foram criadas diversas associações para fornecer ensino, treinamento e habilitação ou credenciamento para pessoas que se interessam por este tipo de trabalho. A Associação Americana de Arbitragem (AAA) é a mais antiga

³John C. LARUE Jr., "Forced Exits: A Too-Common Ministry Hazard," *Your Church*, março/abril de 1996. Disponível em <http://www.christianitytoday.com/cbg/features/report/6y2072.html>, acessado em 15/03/2006.

do gênero, tendo aproximadamente 75 anos de existência. Outra associação bastante conhecida é a Society for Professionals in Dispute Resolution (SPIDR).⁴ Por melhor que possa parecer, o desenvolvimento na teoria e prática da solução de conflitos tem dependido amplamente do trabalho de mediadores seculares, os quais se baseiam em teorias psicológicas e sociológicas sobre conflito.

Durante esse mesmo período têm sido criados grupos cristãos para solução de conflito. Esses ministérios têm procurado lidar com a questão do conflito a partir de uma perspectiva e metodologia decididamente cristãs. Grupos como os do Alban Institute, o do Conflict Transformation Program da Eastern Mennonite University, e o Peacemaker Ministries, bem como profissionais cristãos envolvidos na área de mediação e arbitragem, são potenciais recursos que seminários e institutos bíblicos podem utilizar no treinamento de pastores.⁵

A literatura cristã nesse assunto vai desde obras que dispensam um tratamento bem amplo à questão da solução de conflitos (por exemplo, *Leading your Church through Conflict and Reconciliation: 30 Strategies to transform your Ministry* [Liderando sua igreja através do conflito e da reconciliação: 30 estratégias para transformar seu ministério], editado por Marshall Shelley)⁶ até aquelas voltadas a temas mais específicos do assunto (como *Helping Angry People* [Ajudando pessoas iradas], de Glenn Taylor e Rod Wilson).⁷ No entanto, mesmo essas obras apresentam as seguintes deficiências no que diz respeito a teoria e prática da solução de conflitos.⁸

Em primeiro lugar, abordam a questão da solução de conflitos sobretudo através da adoção de respostas meramente pragmáticas. A palavra-chave aqui é “meramente”. A aquisição das habilidades apropriadas (como ter uma boa comunicação e saber ouvir) e a utilização dos métodos adequados (como a negociação baseada no interesse) alcançam, na melhor das hipóteses, uma mísera transformação. Minha experiência pessoal demonstra que a verdadeira transformação de atitude no que diz respeito ao conflito e à pacificação só acontece por meio de uma visão renovada do evangelho de Jesus Cristo. O evangelho é o motor que

⁴Sociedade de Profissionais que Trabalham na Solução de Conflitos.

⁵Para uma lista de entidades da área que oferecem ajuda às igrejas, veja o artigo escrito por Marlin THOMAS, “Managing Conflict,” *Leadership Journal* (primavera de 1998). Disponível em <http://www.christianitytoday.com/le/812/812065.html>. Thomas fala brevemente sobre cada uma dessas organizações.

⁶Marshall SHELLEY, ed., *Leading Your Church through Conflict and Reconciliation: 30 Strategies to Transform Your Ministry*. Minneapolis: Bethany, 1997.

⁷Glenn TAYLOR e Rod WILSON, *Helping Angry People*. Grand Rapids: Baker Books, 1997.

⁸Uma exceção notável são os recursos e treinamentos desenvolvidos pelo Peacemaker Ministries, que fica em Billings, Montana. Veja, por exemplo, Ken Sande, *The Peacemaker*, 3ª. ed. Grand Rapids: Baker, 2003 [Também publicado no Brasil pela CPAD sob o título *O pacificador*].

move a pacificação. Conflitos mal resolvidos entre cristãos têm menos a ver com o fato de as pessoas possuírem certas habilidades e muito mais a ver com o fato de serem pecadoras. É justamente aqui que o pastor entra em cena, pois Cristo nos chamou para sermos pregadores do evangelho da paz — o único que pode acabar com pecados como a amargura, a inveja, a arrogância e a cobiça.

Em segundo lugar, as teorias cristãs de conflito que temos atualmente são deficientes em reconhecer as dimensões do conflito ligadas a Deus. Quando discutem sobre raiva, vingança, ofensa, mentira entre outras emoções e comportamentos característicos do conflito, as teorias de conflito desenvolvidas por cristãos raramente colocam essas questões em termos da atitude de rebeldia do coração pecador em relação a Deus. Consequentemente, deixam de lado o rico e profundo tema da motivação humana, como a idolatria, a concupiscência e o desejo. E quando de fato entram nas questões do coração humano e das motivações da natureza humana, essas teorias tipicamente recorrem a modelos da psicologia que nada têm a ver com a Bíblia.

Fica evidente, portanto, que ainda existe uma imensa necessidade de desenvolvermos mais a teoria e prática da solução de conflitos a partir de uma perspectiva cristã que seja baseada na Bíblia e integrada teologicamente no corpo mais amplo do pensamento e do ensino cristão.

Em terceiro lugar, os modelos atuais para solução de conflito (tanto seculares quanto cristãos) sofrem a influência de um modelo que não é suficiente para esse propósito no que diz respeito à igreja local: o modelo de solução de conflitos utilizado pela justiça. A igreja precisa de um modelo talhado de forma mais eclesial sobre o qual possa construir suas práticas de solução de conflito.

O fato de que o modelo aplicado pela justiça domina a atual teoria e prática do assunto é compreensível pela simples razão de que a atual forma de solução de conflitos surgiu como uma alternativa para a solução de conflitos pelo poder judiciário. A maioria dos primeiros teóricos e praticantes desse modelo era oriunda de profissões ligadas aos campos jurídico ou político.

Há inúmeras vantagens em se adotar esse modelo, sendo as mais significativas o fato de que ele traz um nível de sofisticação mais elevado ao lidar com questões legais substantivas e técnicas que os cristãos enfrentam. Questões como o devido processo legal, a equidade e a justiça assumem um papel central indispensável.

Contudo, esse modelo não está livre de deficiências. Ele tende a voltar seu foco para a solução imediata do problema, em vez de olhar mais fundo para questões pessoais, sentimentos e relacionamentos. Ele define os motivos do conflito em termos da ofensa e injustiça e interpreta a solução meramente em termos da restituição que precisa ser feita. Mas falha totalmente em tratar das questões do coração, como a raiva, a amargura, a falta de perdão e de arrependimento que alimentam o conflito.

Friso, mais uma vez, que o modelo adotado pela justiça inclina-se na direção da solução voltada para um fato isolado, e não para uma mediação que se estenda por um período de tempo maior. Com isso deixa de tratar dos pecados habituais que se repetem constantemente na vida das pessoas e, portanto, falha completamente em possibilitar a mudança e a renovação de hábitos, tão necessárias para romper com esse velho padrão de comportamento.

O modelo de solução proposto pela justiça também orienta o processo de mediação no sentido de solucionar a questão em vez de buscar a pacificação dos relacionamentos. Soma-se a isso sua dependência de um expert estranho ao contexto (conhecido como “mediador”), alguém que é contratado pelas partes em conflito para vir, mediar a disputa e, então, ir embora. Assim, esse processo passa por cima do auxílio constante, algo tão indispensável para a pacificação e construção de relacionamentos duradouros. Trocando em miúdos, a prática atual de solução de conflitos se parece mais com um atendimento de emergência no pronto socorro do que com um tratamento mais prolongado do problema.

O que ainda precisamos, portanto, é de uma teoria para a solução de conflitos que seja desenvolvida e praticada no contexto da igreja local. Precisamos de um modelo que se baseie na singularidade da igreja de Jesus Cristo. Uma teoria cristã para a solução de conflitos deve ter raízes teológicas e ser integrada na vida da igreja.

No entanto, o maior empecilho para a atuação pastoral na solução de conflitos encontra-se em três pressupostos velados que temos em relação a isso.

O primeiro pressuposto diz respeito ao fato de que os pastores com frequência encaram a solução de conflitos como mera ferramenta para o ministério, e não como algo que faz parte de sua essência. Assim, em lugar de sermos ministros da pacificação (2Co 5.19-20), restringimos a solução de conflitos a situações específicas de crise dentro da igreja. Essa visão deturpada nos deixa cegos para o caráter multidimensional e até mesmo cósmico do ministério de pacificação. Uma vez que Deus reconciliou consigo mesmo todas as coisas no céu e na terra, por meio da morte de seu Filho na cruz (Cl 1.19-20), nós, portanto, como filhos de Deus, somos redimidos para sermos reconciliadores.

O segundo pressuposto tem a ver com o fato de assumirmos que a solução de conflitos tem caráter meramente corretivo, e não construtivo. Contudo, o ministério de pacificação que nos foi dado por Deus está voltado, sobretudo, para preparar o povo de Deus para que sejam reconciliadores e a sua igreja para que tenha uma cultura de paz.

O último pressuposto está relacionado ao fato de que, por muito tempo, tendemos a ver a pacificação através das lentes de várias ideologias, e não pelas lentes das Escrituras. Falhamos em explorar o que significa termos sido encarregados por Deus “da mensagem da reconciliação” (2Co 5.19) e o que significa sermos embaixadores de Cristo para essa reconciliação.

Para que possamos começar a tomar essa direção mais positiva, devemos recuperar as verdades fundamentais da fé cristã. Nossas doutrinas sobre Deus, o homem, Cristo, o Espírito, a igreja, a escatologia devem informar cada aspecto dos objetivos e práticas de nosso ministério de reconciliação, de pacificação. Por exemplo, precisamos nos perguntar de que modo a soberania de Deus deve moldar nossas respostas ao conflito. Os conflitos por que passamos são apenas intromissões em nosso ministério, acidentes e empecilhos ao evangelho, ou são instrumentos que Deus usa para nosso aprendizado — são os próprios meios que ele usa para que possamos enxergar nossa miserável condição e a riqueza de seu poder e sua sabedoria, justiça e misericórdia (Tg 1.2-5)?

Além disso, como igreja devemos aprender a ver as partes em conflito não somente como indivíduos com interesses conflitantes. Devemos vê-las como aquilo que são: irmãos e irmãs em Cristo presos à rebelião e às cadeias do pecado, pessoas em quem o Espírito habita, que são chamadas para amar e servir umas às outras em uma comunidade cuja identidade é delimitada pelo evangelho, pelos sacramentos e pela disciplina.

Precisamos também ampliar o próprio conceito de disciplina para além das tradicionais punições ou censuras de caráter extremo (tais como suspensão, destituição e expulsão). A “disciplina” deve abranger a totalidade da vida cristã que devemos viver sob a disciplina do nosso Pai celestial (Hb 12.1-14).

Por fim, gostaria de dizer que nós, como líderes cristãos, precisamos reorganizar nossas prioridades e nos esforçar para trazer de volta ao campo habitual de atuação dos cristãos a sabedoria para mediar e arbitrar conflitos, em vez de deixá-la nas mãos de peritos da área jurídica (ainda que a perícia que eles possuam seja necessária). Devemos ter uma visão de ministério que seja mais holística, ampliando o ministério da Palavra de forma a incluir não somente a pregação, mas também aconselhamento, ensino e preparação do povo de Deus para a busca da paz. Essa reorientação do nosso ministério deve incluir todos os membros da igreja, pois a Bíblia exorta todos a que busquem a paz uns com os outros (veja Sl 34.14; Mt 5.9,43-45; Mc 9.50; Lc 6.35-38; Rm 12.18; 14.19; 2Co 13.11; Gl 5.22; Ef 4.2-6; Cl 3.15; 1Ts 5.13; 2Tm 2.22; Hb 12.14; Tg 3.16-18; 1Pe 3.11).

Essas são algumas das mudanças que nós, como igreja, precisamos colocar em prática para resgatar o ministério pastoral de pacificação. E foi por causa da minha paixão por ver a igreja resgatar esse ministério que escrevi este livro.

O PROJETO DESTES LIVRO

Um dos meus principais objetivos em escrever este livro foi basear a pacificação em sólidos fundamentos bíblicos e teológicos bem como inseri-la no contexto da igreja. Pelo fato de ter me baseado no que aprendi em meu próprio ministério, o

qual tem sido moldado por uma teologia reformada e uma eclesiologia presbiteriana, não posso alegar que escrevi esta obra estritamente a partir de uma perspectiva evangélica mais ampla, muito menos ecumênica. No entanto, estou seguro de que aqueles que pertencem a outras tradições eclesiásticas e teológicas podem não só se beneficiar desta obra, mas também contextualizá-la e aplicar o que ela ensina às suas próprias tradições.

Espero que este livro possa começar a remediar uma grave deficiência no preparo pastoral, fornecendo a pastores em treinamento bem como aos mais experientes uma visão bíblica da pacificação, a partir de um ponto de vista exclusivamente pastoral. Oro para que as ideias que aqui apresento possam ajudar a fortalecer os pastores e suas igrejas em sua tarefa de levar adiante o evangelho da paz a um mundo cujos olhos estão voltados para eles, em grande expectativa.

Procurei organizar este livro dentro da estrutura de quem somos nós como seres humanos em conflito (Caps. 1 a 3), de quem é Deus como o Deus da pacificação (Caps. 4 e 5), e como, portanto, Deus nos chama a reagir a conflitos (Caps. 6 a 13). O cap. 1 especificamente é autobiográfico: traz as meditações de um relutante pastor pacificador. Eu o escrevi para trazer a você esperança de que Deus pode transformar mesmo o mais relutante dos pastores em um pacificador.

O cap. 2 explora os caminhos de conflito que as igrejas e os indivíduos mais comumente seguem. O cap. 3 volta-se para descobrir as causas e motivações desses conflitos. Partindo da própria pergunta feita pelo apóstolo Tiago, “De onde vêm as guerras e discórdias que há entre vós?” (Tg 4.1), esse capítulo penetra além da superfície do conflito a fim de observar a dinâmica do pecado no coração humano. É justamente esse o ponto que mais precisa do evangelho da pacificação.

Os capítulos 4 e 5 voltam seu foco para a base do ministério de pacificação. Olhamos primeiro para a teologia propriamente dita — a natureza e o caráter do Deus triúno — para ancorar nossa discussão sobre pacificação. Quem é Deus? O que a natureza triúna das pessoas da Trindade nos ensina sobre pacificação? Como o caráter de Deus deve orientar nossa teoria e prática na área de pacificação? O cap. 5 continua por esse caminho, voltando nossa atenção para quem Deus é como nosso Pai e quem é a igreja como família de Deus. Investiga porque as Escrituras usam a linguagem voltada para a família particularmente nos contextos em que trata de conflitos na igreja. Veremos que a pacificação acontece nessa relação da igreja como família de Deus e de nós mesmos como seus filhos — como irmãos e irmãs uns dos outros.

Do cap. 6 até o 12 tratamos especificamente de práticas de pacificação: confissão, perdão, negociação, mediação, arbitragem, e disciplina na igreja. Embora muitos já conheçam tais práticas, ou algumas delas pelo menos, todas precisam ser inseridas no contexto do que foi discutido nos capítulos anteriores, os quais estabeleceram a base da nossa teologia da pacificação.

O cap. 13 encerra com passos práticos para se tornar uma igreja reconciliadora. Procura responder às perguntas que levantamos ao longo do livro: O que devo fazer à luz de tudo o que foi dito? Como posso começar a resgatar, para mim pessoalmente assim como para minha igreja, um ministério pastoral de pacificação?

Apresento a você este livro não como alguém que já colocou em prática tudo o que a Bíblia ensina sobre pacificação ou como alguém que pratique bem a pacificação. Sou apenas um pecador salvo pela graça de Deus. Ainda sou um peregrino nesse caminho. No entanto, é no mesmo espírito que o apóstolo Paulo que eu posso dizer:

Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado; mas faço o seguinte: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, pelo prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus. Por isso, todos os que somos aperfeiçoados tenhamos esse mesmo modo de pensar; e, se em alguma coisa pensais de outro modo, Deus também vos revelará isso. Mas prossigamos na medida da perfeição que já atingimos (Fp 3.13-16).

o pastor pacificador

“O que eu faço, meu Deus? Eis o tipo de pergunta que os pastores se fazem todo o tempo. Por acaso já passou por sua cabeça sair da igreja em que está hoje para pastorear uma igreja com menos problemas? Alguma vez já orou para que pessoas difíceis de sua congregação simplesmente sumissem da igreja? Pois eu já. Sei muito bem que não deveria ter feito isso, mas fiz. O seminário não me preparou para lidar com conflitos no ministério. Aprendemos como ninguém a fazer a exegese de textos bíblicos, mas aprendemos pouquíssimo sobre como fazer a exegese de pessoas. E nos sentimos completamente despreparados para lidar com conflitos dessa magnitude. Há momentos em que, em meio a tantos conflitos, chegamos a perguntar se Deus de fato nos chamou para o ministério. E de novo você se pergunta: O que eu faço, meu Deus?”

Este livro procura lidar com esse difícil chamado pastoral para atuar na gestão de conflitos. E propõe a pacificação como esperança para esse cenário que tanto desanima e desgasta pastores e líderes. O autor baseia a pacificação de conflitos em sólidos fundamentos bíblicos e teológicos, inserindo-a no contexto da igreja local. Tem como propósito remediar uma grave deficiência no preparo para o ministério, fornecendo a pastores e líderes, jovens ou mais experientes, uma visão bíblica da pacificação a partir de um ponto de vista pastoral.

A obra é organizada dentro da estrutura de quem somos nós como seres humanos em conflito, de quem é Deus como o Deus da pacificação, e como, portanto, Deus nos chama a reagir a conflitos. Trata menos de técnicas e mais das questões relacionadas ao rebelde coração humano e à essência do chamado pastoral à pacificação.

Que as ideias aqui apresentadas possam ajudar a fortalecer os pastores e suas igrejas na desafiadora tarefa de levar adiante o evangelho a um mundo cheio de conflitos, cujos olhos angustiados estão voltados para eles, em busca de paz e esperança.